

Sagrado, Profano, Grotesco, Sublime: Relações entre o Livro “Notre Dame de Paris” e a Adaptação Cinematográfica “O Corcunda de Notre Dame”¹

Yule de Campos WEIMER²

Diego Baraldi de LIMA³

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

Neste artigo tomamos como ponto de partida algumas considerações sobre a obra literária “Notre Dame de Paris” (mundialmente conhecida como “O Corcunda de Notre Dame), publicada em 1831 pelo francês Victor Hugo. Interessa-nos ressaltar aspectos da obra relacionados à coexistência do sagrado, do profano, do grotesco e do sublime na Paris do século XV. A obra de Hugo deu origem a diversas adaptações cinematográficas. Nosso objetivo é observar e descrever passagens do filme “O Corcunda de Notre Dame” (Gary Trousdale, EUA, 92 minutos), lançado em 1996, de modo a analisar as relações entre a obra de Victor Hugo e a adaptação cinematográfica produzida pelos estúdios Disney.

PALAVRAS-CHAVE: cinema, literatura, adaptação, Victor Hugo, “O Corcunda de Notre Dame”.

O cristianismo começou a se expandir fortemente do final do Império Romano. No ano de 325, houve o Concílio de Niceia⁴ onde foram assentadas as bases religiosas e ideológicas da Igreja Católica Apostólica Romana. No Concílio, foi estabelecida a estrutura hierárquica da Igreja, bem como a promulgação da lei canônica. Através de intensa organização, houve condições suficientes para alargar o campo de influências políticas e culturais do catolicismo durante a Idade Média.

A sociedade medieval era dividida em três classes: clero, nobreza e servos. A Igreja se tornou uma instituição de grande poder político, orientando um código de posturas morais que toda pessoa “de bem” deveria seguir. Caso contrário, provaria a ira de Deus. Se

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Graduada em Comunicação Social, habilitação Publicidade e Propaganda, pela Universidade Federal de Mato Grosso. Graduada em Técnico em Eventos, pelo Instituto Federal de Mato Grosso. Cursando Comunicação Social, habilitação Radialismo, pela Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: yuawe@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor adjunto do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: diegoaraldii@gmail.com.

⁴ O Concílio de Niceia foi um concílio de bispos (*episkopos*) cristãos reunidos na cidade de Niceia da Bitínia (atual İzmit, Turquia), pelo imperador romano Constantino I, em 325 d.C. O Concílio foi a primeira tentativa de obter um consenso da Igreja através de uma assembleia representando toda a cristandade. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Primeiro_Conc%C3%ADlio_de_Niceia> Acesso em: 08 de julho de 2015.

o indivíduo obedecesse aos dogmas católicos, mereceria, após a morte, um lugar no Paraíso Celeste, ao lado de Deus. Segundo a historiadora Fernanda Machado (2013⁵):

Objetivando fazer os povos merecerem esse lugar no Paraíso, a Igreja instruía os fiéis a não pecarem, obedecendo aos mandamentos divinos e fazendo caridade. Essa caridade, por sua vez, além da ajuda ao próximo, também estava diretamente relacionada à doação de bens para a Igreja Católica, a fim de ajudá-la a prosseguir em sua missão. Os nobres, então, como forma de se livrarem do que a religião considerava seus pecados terrenos, deveriam doar à Igreja bens materiais, como dinheiro, terras e riquezas. Portanto, o crescimento do poder dessa instituição e o tamanho de sua fortuna estão diretamente relacionados com a capacidade que a Igreja tinha de fazer com que os fiéis acreditassem nas verdades que ela pregava. Mais do que acreditar nelas, os fiéis deveriam temer a ira divina e o risco de queimarem no fogo do Inferno após a morte.

Por conta da ascensão e do crescente poderio que a Igreja Católica desenvolveu na Idade Média, Victor Hugo escreve a obra “Do Grotesco e do Sublime” (1827). Nela, argumenta que se introduziu na civilização o sentimento de melancolia, uma vez que a salvação da alma e a busca da eternidade após a morte passam a ser uma preocupação constante na vida do homem, o que tornou-o melancólico, sempre a temer a ira divina. Sobre o catolicismo, pondera o autor (HUGO, 2007, p. 21-22):

Uma religião espiritualista, que supera o paganismo material e exterior, desliza no coração da sociedade antiga, mata-a e neste cadáver de uma civilização decrépita deposita o germe da civilização moderna. Esta religião é completa, porque é verdadeira; entre seu dogma e seu culto, ela cimenta profundamente de início, como primeiras verdades, ensina ao homem que ele tem duas vidas que deve viver, uma passageira, a outra imortal; uma da Terra, a outra do Céu.

A vida terrena deveria ser seguida pelos dogmas católicos, como a caridade e a bondade para com todos, a fim de galgar o reino dos céus. Contudo, os doentes e os deficientes recebiam pouca ou nenhuma ação solidária. O “diferente” era associado à imperfeição, como algo que não havia sido concebido por Deus. Ainda que o grotesco existisse na antiguidade, nunca foi destinada atenção a essa categoria. Para Hugo (2007, p. 26), nem tudo na Criação divina é belo. O feio existe ao lado do belo, o disforme perto do gracioso, o grotesco no reverso do sublime, o mal com o bem, a sombra com a luz. Tudo coexiste. Como desdobramento de tais considerações, em 1831 nasce a obra “Notre Dame de Paris”, na qual Victor Hugo retrata a difícil relação e convívio do grotesco na sociedade da época, tendo como paisagem central a Catedral de Notre Dame.

A Catedral de Notre Dame

⁵ Disponível em: < <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/igreja-catolica-1-na-idade-media-essa-instituicao-ganhou-forca-politica.htm>> Acesso em: 08 de julho de 2015.

A Catedral de Notre Dame começou a ser construída em 1163 e foi concluída após 180 anos, em 1345. A obra foi dedicada a Maria, mãe de Jesus (Notre Dame significa Nossa Senhora em português). A estrutura da Catedral, em suntuoso estilo gótico, traduzia o poder religioso no centro de Paris. Seus arcos ogivais são pontiagudos e produzem a impressão de uma seta apontada para cima com o objetivo de tentar exibir-se cada vez mais próxima de Deus, bem como de destacar sua magnificência. Gomes (apud MARCHI, 2002, p. 1) destaca o aspecto simbólico que envolvia o traçado arquitetônico das catedrais da época. Para o autor, “numa época em que a casa de Deus era também a casa dos homens, e apesar das difíceis condições de sobrevivência, as catedrais significavam uma aproximação com a transcendência, com o que há de sublime, com o belo”.

A Catedral de Notre Dame possui gárgulas⁶, estruturas recorrentes na arquitetura gótica. Elas têm a função de escoar a água pluvial, impedindo-a de descer pelas paredes exteriores e danificar a estrutura. Contudo, vários boatos surgiram em torno das gárgulas: o mais difundido é o de que elas seriam protetoras dos templos e que, durante a noite, todas criariam vida para afastar os maus espíritos. Boatos como esse seriam uma herança do paganismo europeu, uma vez que o cristianismo acredita que o mal é representado pelo Diabo⁷.

A mistura entre sagrado e profano é constante na vida medieval. A Catedral de Notre Dame, além das grotescas gárgulas, possui imagens de santos católicos. O homem medieval acreditava que os monstros seriam a representação do que aconteceria com quem não obedecesse aos mandamentos de Deus, levando uma vida profana. E que, em contrapartida, os santos seriam a representação de uma vida voltada ao sagrado e a eternidade. A Igreja é considerada ainda nos dias de hoje como “Catecismo de Pedra”. Esculturas, pinturas e vitrais ensinam as doutrinas da Igreja Católica, especialmente para aqueles que não sabiam ler ou escrever⁸.

O grotesco e o seu contraponto, o sublime, ocuparam um grande espaço nas artes da Idade Média. Ao primeiro, são remetidos as doenças, as deformidades, o ridículo, os vícios e os crimes; ao segundo, a moral cristã concebe os encantos e a pureza. (...) As fachadas das catedrais emolduram figuras monstruosas, disformes e assustadoras, como um misto de resquícios da era pagã e de ensinamentos sobre o que poderia acontecer aos desviantes da verdadeira fé. (MORI, 2009, p. 200)

⁶ As gárgulas apresentam uma função primordial nos templos e igrejas católicas, que é servir de desaguadouros, ou seja, são calhas destinadas a escoar a água de cima dos telhados, mantendo distância das paredes. Mas devido a influência gótica na Idade Média, essas calhas ficaram escondidas dentro de figuras monstruosas e animais. O termo "gárgula" se origina do francês "*gargouille*", originado de gargalo ou garganta, em latim "*gurgulio*", gula. Palavras similares derivam da raiz "*gar*", engolir, a palavra representando o gorgulhante som da água, naturalmente emitido pelas esculturas. Disponível em: <<http://ocalafrio.blogspot.com.br/2013/05/os-gargulas.html>> Acesso em: 09 de julho de 2015.

⁷ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Arquitetura_g%C3%B3tica Acesso em: 08 de julho de 2015.

⁸ Disponível em: <http://cleofas.com.br/catedral-notre-dame-de-paris-completa-850-anos/> Acesso em: 8 de julho de 2015.

No período da Revolução Francesa (1789-1799) a Catedral de Notre Dame virou um grande depósito. Ainda que considerada imponente e símbolo da fé cristã, serviu como armazenamento de guerra. Segundo Mori (2009, p. 202), os relicários, candelabros, crucifixos de bronze e sinos da igreja foram confiscados, fundidos e transformados em canhões. Nem mesmo o chumbo dos esquifes arcebispaís foi poupado: com eles fabricaram-se balas de artilharia.

Depois de ser utilizada como depósito de guerra, Notre Dame foi levada à leilão, e só não foi implodida por causa da burocracia da época. A partir daí, foi restaurada inúmeras ocasiões. É nesse contexto que Victor Hugo (1802-1885) escreve “Notre Dame de Paris” (1831), obra literária ambientada na Idade Média, como forma de protesto aos modismos que atacaram a Catedral, tirando seu símbolo e beleza originais.

Do livro à adaptação cinematográfica: “O Corcunda de Notre Dame” (1996)

Em 1996 os Estúdios Disney lançam a animação “O Corcunda de Notre Dame”, livre adaptação para o cinema da história de Victor Hugo, dirigida por Gary Trousdale. Na forma de um musical animado, o filme apresenta um clássico da literatura francesa para o público infanto-juvenil mundial. Ainda que seja um filme bastante sombrio e dramático em sua essência, elementos como as gárgulas falantes, com seus comentários engraçados e atrapalhados, ajudam a narrativa a fluir com mais leveza.

Para melhor apreensão da adaptação cinematográfica que analisaremos aqui, é necessário compreender que a obra literária “Notre Dame de Paris” foi ambientada no Governo de Luís XI, na cidade de Paris, França, envolvendo vários aspectos em torno da realeza: políticos, sociais e religiosos. Para nossa sociedade atual, os costumes apresentados no livro podem ser considerados aversivos e bárbaros. Mas esses costumes foram retratados por Victor Hugo conforme o regimento da época (século XV).

Em “Notre Dame de Paris”, conhecemos a história do então jovem padre Claude Frollo, que, aos dezenove anos, torna-se responsável pelo irmão Jehan após tornarem-se órfãos e abandonados por não possuírem parentes com quem tivessem convivência. Frollo torna-se um homem sério, comedido e austero, dedicando-se apenas aos estudos e à devoção a Deus. Por conta do claustro, sua fama de sábio chega ao povo. Aos poucos, também recebe a alcunha de feiticeiro.

O bebê corcunda aparece na história quando Frollo, em uma de suas rondas, escuta senhoras beatas conversando e, em contradição com os preceitos católicos de bondade, sugerem que uma criança deformada que havia sido deixada na área dos abandonados fosse

jogada em uma fogueira ou afogada. O grotesco é relacionado com o mal, com forças demoníacas, uma vez que somente o belo, o perfeito, é considerado parte da Criação de Deus, como é possível apreender nos diálogos entre os personagens do livro, como o que segue:

- Só lhe enxerga um olho – observou mademoiselle Guillemette. – No outro tem uma verruga.
- Não é uma verruga – retorquiu mestre Robert Mistricolle – É um ovo contendo outro demônio completamente igual a este, que traz com ele outro ovinho, contendo outro diabo e assim por diante.
- (...)
- Sou da opinião – exclamou Jehane de la Tarne - que seria melhor, para os campônios de Paris, que este bruxinho fosse deitado numa trouxa, em vez de tábua.
- Uma bela trouxa em chamas! – acrescentou a velha.
- Isto seria mais prudente – disse Mistricolle. (HUGO, 1973, p. 115)

Na adaptação cinematográfica, o foco narrativo se estabelece em torno do personagem corcunda, não mostrando o que levou o arqui-diácono Claude Frollo a se tornar um homem melancólico, amargo e maldoso (cheio de excessos, obcecado pelos estudos e pela religião). Ainda que no livro Frollo tenha se oferecido a cuidar da criança deformada, a adaptação cinematográfica mostra-nos melhor os efeitos do fanatismo religioso e as consequências dos atos desmedidos do personagem.

Logo no início do filme, um artista de rua conta a história do Corcunda de Notre Dame. História esta sobre um homem e um monstro. Segundo essa história, o arqui-diácono Frollo torna-se tão respeitado que a população o considera como um juiz. A Igreja teve grande monopólio sob o mundo letrado do período. Exceto os membros da Igreja, pouquíssimas pessoas eram alfabetizadas ou tinham acesso às obras escritas. Sendo assim, os membros do Clero consideravam-se os detentores dos julgamentos.

O arqui-diácono odiava ciganos e enxergava pecado e corrupção em todas as pessoas, exceto em si mesmo. Após perseguir uma cigana por julgar que ela carregava coisas roubadas, acaba fazendo a mulher tropeçar e morrer com o pescoço quebrado nas escadas da Catedral de Notre Dame. Vendo que o que a cigana carregava em uma trouxa de pano era um bebê deformado, Frollo grita, espantado: “Um monstro!”. Pensa em jogar a criança em um poço, dizendo que se tratava de um “demoniozinho” e que deveria ser mandada de volta ao Inferno. Entretanto, ao ser impedido por outro diácono, Frollo se vê obrigado a cuidar do bebê, uma vez que provocara a morte de sua mãe, tornando-o órfão. O arqui-diácono deixa claro que deixará a criança escondida para que ninguém tenha que conviver com sua feiura. Essa passagem permite ao espectador questionar-se sobre a monstruosidade presente em certas ações humanas.

Ao sublime e ao belo são conferidas todas as graças, encantos e belezas; ao grotesco, todas as feiuras, enfermidades e deformidades. As deficiências

pertenciam ao mundo do grotesco, e como tal, eram vistas como negação da perfeição divina. Até o século XVI as pessoas com deficiência eram consideradas possuídas por seres demoníacos, os quais ocupariam o lugar de suas almas. (MORI, 2009, p. 205).

Frollo batiza a criança com o nome de Quasímodo, ou por querer marcar o dia em que foi encontrado (próximo à Páscoa) ou por querer indicar até que ponto a pobre criatura era incompleta, apenas esboçada. Como sugere Hugo, no livro (1973, p. 119): “Quasímodo, zanaga, corcovado, cambado, era apenas um quase”. Na obra do autor francês, a vida do corcunda é mais detalhada. Aos quatorze anos ele se torna sineiro. Por estar sempre escondido dentro de Notre Dame, conhece cada detalhe da Igreja. Devido a rotina do ribombar dos sinos, acaba tendo seus tímpanos prejudicados. Quasímodo perde o único elemento que o fazia “normal”: a audição, o que torna ainda mais trágica sua trajetória de vida.

Contudo, no cinema, para trazer leveza a história, o corcunda tem vinte anos e a audição normal. Devido a proibição em sair, convive com a solidão, conversando com as estátuas dos santos e dos reis por horas inteiras. As gárgulas tornam-se suas amigas, uma vez que podem tomar vida. São engraçadas, leais e sábias, dando conselhos ao jovem. A Catedral é o mundo e o universo de Quasímodo.

A obra consiste em dar ênfase ao simbolismo presente em um período em que o sagrado e o grotesco conviviam na arquitetura e nos costumes (MORI, 2009, P. 202). Já o filme enfatiza os dramas de como a deficiência física era concebida na Idade Média.

...a mesma coexistência do sério e do grotesco pode ser verificada nos murais das igrejas e nas esculturas desse período. (...) O riso e a comicidade ficavam reservados para as festas e recreações populares; paralelamente, a cultura oficial era séria e circunspeta. A complexidade e ambivalência entre o grotesco e o sublime ao mesmo tempo, as fronteiras que os separam são tomadas por Victor Hugo como pontos norteadores em O Corcunda de Notre Dame. (MORI, 2009, p. 200)

Lembramos que com o interesse da expansão do Cristianismo na Idade Média, a Igreja foi forçada a consentir algumas práticas consideradas pagãs. O Carnaval, conhecido como Festa dos Loucos, foi permitido, sendo celebrado com destaque, uma vez que serviu como escape diante das exigências impostas no período da Quaresma. Como aponta Cybele (2010),

...na Idade Média, o Carnaval passou a ser chamado de “Festa dos Loucos”, pois o folião perdia completamente sua identidade cristã e se apegava aos costumes pagãos. Na “Festa dos Loucos”, tudo passava a ser permitido, todos os constrangimentos sociais e religiosos eram abolidos. Disfarçados com fantasias que preservavam o anonimato, os “cristãos não-convertidos”

se entregavam a várias licenciosidades, que eram, geralmente, associadas à veneração aos deuses pagãos. (CYBELE, 2010⁹)

Os acontecimentos marcantes da narrativa se iniciam na data de seis de janeiro de 1482, Dia da Festa dos Loucos. No filme, Quasímodo assiste ao festival do alto da Catedral, infeliz por não poder participar. Incitado pelas gárgulas, resolve sair, escondido de Frollo, e se divertir um pouco, afinal sente-se como um jovem buscando por novas experiências. O arqui-diácono percebe o interesse de Quasímodo em participar da festa, e diz rispidamente: “Sou um homem público, eu preciso ir! Mas eu não desfruto de nenhum momento. Ladrões e trombadinhas, a ralé humana... Todos juntos em uma letargia bêbada”. Para convencer Quasímodo a não sair, Frollo o faz repetir que é deformado e muito feio, e que ninguém perdoa esses “dois tipos de crime”. Diz também que Quasímodo é um monstro e que o povo adorará rir de sua corcunda, devendo, para evitar tal situação, obedecer seu único protetor e amigo.

Ao mesmo tempo em que a Festa dos Loucos acontece, retorna a Paris o capitão Phoebus, procurando seu novo local de trabalho: o Palácio da Justiça. Ironicamente, este é o lugar em que os marginalizados (principalmente ciganos) são punidos com castigos severos, sob olhar inquisidor do arqui-diácono Claude Frollo. Longe de uma condenação justa, os presos recebiam suas penas quanto maior fosse a antipatia do religioso.

Ao irem se definindo as crenças e práticas que os cristãos deveriam obedecer, a Igreja Romana passou a perseguir os que não compartilhavam dessa postura. A tentativa de controlar as mentes das populações sob seu domínio, aumentando seu poder de influência e sua riqueza, fez com que a Igreja Católica usasse de todos os meios para se impor. (MACHADO, 2013¹⁰)

Frollo dá as instruções sobre a segurança de Paris a Phoebus. Recomenda que principalmente os ciganos sejam mantidos sob constante vigilância. Dirigindo-se a Festa dos Loucos, ambos param para assistir à apresentação de dança da bela cigana dos olhos verdes: Esmeralda. Sensual, ela mantém os olhares masculinos voltados em sua direção. O capitão não esconde seu encantamento. O religioso, porém, para afastar “o pecado”, abomina e despreza a apresentação: “Exibição repulsiva”, resmunga Frollo.

Quasímodo, desobedecendo ao arqui-diácono, vai ao festival encapuzado com a esperança de que ninguém o reconheça. Contudo, uma das brincadeiras da festa é escolher como “Papa do Povo” aquele que fizesse a careta mais horrenda. Impulsionado por Esmeralda, Quasímodo entra na fila para concorrer com outros participantes.

⁹ Disponível em: <<http://educaja.com.br/2010/02/o-carnaval-na-idade-media-festa-dos.html>> Acesso em: 09 de julho de 2015.

¹⁰ Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/igreja-catolica-1-na-idade-media-essa-instituicao-ganhou-forca-politica.htm>> Acesso em: 09 de julho de 2015.

A multidão se diverte com as máscaras e caretas. Mas nenhuma é tão assustadora a ponto de ganhar o concurso. Então, chega a vez de Quasímodo. Esmeralda puxa as bochechas do corcunda, acreditando ser uma máscara. Para o espanto de todos, é o próprio rosto do vencedor. As pessoas reconhecem Quasímodo, o tocador de sinos da Catedral. No primeiro momento há uma mistura de choque e repulsa, mas para não estragar o festival, o arlequim¹¹ (mestre de cerimônia) torna o corcunda rei: “ Pedimos o rosto mais feio de Paris, e aqui se encontra: O Corcunda de Notre Dame!”. A obra traz o sentimento do jovem sobre estes acontecimentos:

É difícil dar uma ideia do grau de satisfação orgulhosa e beatífica que a horrível e dolorosa fisionomia de Quasímodo atingira durante a trajetória do Palácio à Greve. Era a primeira vez que seu amor próprio se sentia vibrar. Até então só conhecera as humilhações, os desdêns que a sua condição provocava, a repulsão que por si próprio sentia. (...) Saboreava como um verdadeiro papa as aclamações dessa multidão que odiava, porque se sentia odiado por ela. Que o seu povo fosse uma carga de doidos, de estropeados, de ladrões, de mendigos, pouco lhe importava! Era, no entanto, um povo e ele o soberano. E tomava a sério os aplausos irônicos, os irrisórios testemunhos de respeito (...). (HUGO, 1973, p. 60)

Para incitar a repulsa contra o corcunda, os guardas de Paris começam a jogar frutas podres e tomates dizendo: “Isso sim é feio!”. A multidão, encarando como cômica a cena do homem deformado usando coroa de rei, continua a humilhá-lo, até que Esmeralda aparece e cessa com a crueldade. Frollo assiste a cena e não intercede por Quasímodo, justificando, com riso de escárnio, que o jovem precisa aprender uma lição.

Irritado com a insolência de Esmeralda, o arqui-diácono promete que ela pagará pela desobediência. Chocando a multidão, a cigana tira a coroa de rei do corcunda e joga na direção do religioso dizendo: “Acho que coroamos o bobo errado! O único que vejo aqui é você!”. Frollo, acuado, acusa Esmeralda de ser bruxa. Acerca dos ciganos medievais podemos lembrar que...

...foram perseguidos pela Inquisição, o tribunal da Igreja Católica que julgava crimes contra a fé. Como conviviam tanto com mouros quanto com cristãos, os ciganos oscilavam do paganismo ao cristianismo, o que bastava para serem acusados de heresia e bruxaria¹².

¹¹ O arlequim é uma personagem da *Commedia dell'arte*, cuja função no início se restringia a divertir o público durante os intervalos dos espetáculos. Sua importância foi gradativamente afirmando-se e o seu traje, feito de retalhos multicoloridos geralmente em forma de losango, mais ainda o destacava em cena. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Arlequim>> Acesso em: 9 de julho de 2015.

¹² Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/quem-sao-e-de-onde-vem-os-ciganos>> Acesso em: 10 de julho de 2015.

Perseguida, Esmeralda busca refúgio na igreja. Phoebus a encontra e um clima de romance se insinua entre os dois. Frollo invade a igreja, desejando arrastar a cigana para a prisão. Outro diácono novamente reprime Frollo e oferece abrigo à moça. Frollo, em cólera agarra Esmeralda pelo pescoço e a ameaça. Nesse momento, ele cheira profundamente os cabelos da cigana. Enraivecida, pergunta por que está fazendo aquilo e Frollo justifica seu desejo, dizendo que a cigana jogou feitiços para tornar seus pensamentos impuros.

Quasímodo observa a cigana rezando por seu povo tão perseguido e maltratado. Também fica encantado, não somente com a beleza da jovem, mas com a bondade que ela teve para com ele quando não havia mais ninguém, nem mesmo seu pai adotivo para defendê-lo. Esmeralda percebe os olhares, e o segue até o alto da Catedral. Começam então uma amizade. Quasímodo mostra a Esmeralda aquilo que mais ama: os sinos. Lembramos aqui dessa cena no livro (HUGO, 1973, p. 123): “Eram os únicos sons que ouvia, daí a ternura especial para com os quinze sinos da igreja. A cada um deles deu um nome e, (...) tal como as mães que muitas vezes preferem o filho que mais as fez sofrer, o sino maior – ao qual chamou de Maria – era o preferido de Quasímodo”.

A intensa religiosidade da Idade Média permeava a conduta baseada em uma ética cristã. Sendo assim, Frollo pergunta aos céus por que ele sente a presença da cigana. No auge do desejo, começa a enxergá-la projetada nas sombras das paredes e posteriormente no fogo da lareira. Podemos inferir nesta cena que o fogo é representativo tanto do desejo ardente quanto do pecado do religioso, que teria como castigo a condenação de queimar no Inferno. Frollo grita, justificando seus sentimentos: “Deus fez o homem muito mais fraco que o mal”.

O arqui-diácono torna-se obcecado por Esmeralda. Em uma busca desmedida por encontrá-la, utiliza-se de violência e ameaça o povo parisiense. Em uma cena emblemática coloca uma família inteira presa em casa e atea fogo (mas as pessoas acabam sendo salvas pelo Capitão Phoebus). Frollo justifica-se dizendo que todos os traidores deveriam arder em chamas, e que, se fosse preciso, ele colocaria fogo em toda a cidade de Paris para encontrar Esmeralda.

A violência que eclode desde o ato de observar uma pessoa sem o consentimento dela, como Frollo fez com Esmeralda, até o cúmulo de deixá-la ser acusada, julgada. (...) Com todo o excesso de violência tratado no livro e mantido no filme, com exceção do enforcamento da jovem, parece-nos que os autores tentaram mostrar o abuso de poder da justiça e os desmandos cometidos pela Igreja em nome de manter a fé, através de uma

violência institucionalizada, não só na Idade Média, tempo retratado nessas obras, mas ao longo da história da humanidade. (SOUZA, 2010, p. 16).

Tendo desobedecido as ordens do arquidiácono, Phoebus recebe a sentença de morte. Frollo, com desprezo e frieza, diz que todos que não obedecem às demandas de Deus devem morrer. Coloca o Capitão de joelhos para que o carrasco possa decapitá-lo com a espada. Antes que fosse tarde demais, é salvo por Esmeralda, que assusta o cavalo do religioso e o faz sair em disparada. O Capitão consegue fugir, mas leva uma saraijada de flechas. Uma delas atinge as costas do personagem, fazendo Phoebus cair nos canais do rio Sena.

Desesperada, a cigana resgata o Capitão e pede abrigo a Quasímodo. Mesmo que decepcionado por não ser correspondido com o amor romântico, o corcunda abriga o casal apaixonado, sendo leal e amigo de ambos. A antítese entre o belo e o feio se mostra na beleza de Esmeralda e Phoebus e na feiura de Quasímodo. Ainda que seja o representante do grotesco, o corcunda causa admiração pela pureza de sua alma. Mesmo sendo “incompleto”, ou seja, não se encaixando nos padrões estéticos, ele possui qualidades prezadas em uma pessoa de boa índole: amizade, lealdade e solidariedade.

(...) o belo não é se não a forma considerada na sua mais simples relação, na sua mais absoluta simetria, na sua mais íntima harmonia com nossa organização. Portanto, oferece-nos sempre um conjunto completo, mas como nós. O que chamamos de feio, ao contrário, é um pormenor de um grande conjunto que nos escapa, e que se harmoniza, não com o homem, mas com toda a criação. É por isso que ele nos apresenta, sem cessar, aspectos novos, mas incompletos. (HUGO apud MORI, 2009, p. 205).

A frieza habitual do comportamento de Frollo é trocada pelo ódio compulsório por Esmeralda. Lembramos aqui de Descartes (1998, p. 75-76), que classifica as paixões em seis tipos, a saber: “a admiração, o amor, o ódio, o desejo, a alegria e a tristeza; e que todas as outras são compostas de algumas dessas seis, ou então são espécies delas”. Percebendo que Quasímodo ajudou na fuga da cigana, Frollo declara que levará mil soldados, que a encontrará e a matará, dizendo o tempo toda que Esmeralda é uma bruxa e que, por ser inquisidor, tem a obrigação de eliminá-la.

Novamente, o sagrado e o profano se misturam. Oposição entre a cigana pagã e o arquidiácono cristão. Frollo como homem da Igreja e pregador da moral e dos bons costumes comete crimes bárbaros, justificando estar agindo em nome da Fé, uma vez que passa a viver em função dos sentimentos contraditórios que a obsessão por Esmeralda provoca.

O sagrado ataca o profano com o intuito de “convertê-lo”, transformando. (...) Se o sagrado e o profano complementam-se em meio a uma luta pelo poder, cabe lembrar, por um lado, a aversão de alguns grupos religiosos ao que chamam de coisas “mundanas” e, por outro, as críticas e ataques que os “mundanos” fazem a esses religiosos. (...) Se o espaço religioso, o qual os símbolos considerados sagrados preenchem de sentido, não está desconectado das rotinas da vida concebidas como profanas, então podemos pensar em como é possibilitado ao indivíduo o acesso a uma organização dos valores que muitas vezes são contraditórios e que são movimentados constantemente no interior de um mundo social impregnado por elementos sacros e profanos que se misturam e se opõem. (PINEZI, 2010, p. 9)

Frollo embosca Phoebus, Quasímodo e Esmeralda no Pátio dos Milagres, esconderijo dos marginalizados, ordenando aos guardas que prendam a todos, pois serão queimados vivos na grande fogueira que haverá em praça pública. Claude Frollo é um dos personagens mais complexos da trama. Amarrando Esmeralda na fogueira, diz que ele pode salvá-la do fogo tanto “neste mundo, quanto no outro”, basta ela escolher ficar com ele. A cigana cospe em seu rosto, e em consequência dessa rejeição, o arqui-diácono coloca fogo nas piras de palha, discursando sobre os efeitos da bruxaria da moça e o dever sagrado de salvar a cidade de Paris.

Quasímodo liberta-se das correntes que o prendem à igreja, e salva Esmeralda. Phoebus incita o povo a ir contra Frollo, que declara guerra ao maior símbolo da cidade, a Catedral de Notre Dame, e a tudo que representava: imponência, poder, religiosidade. Todos se voltam contra o arqui-diácono, contando até com a ajuda das gárgulas. Na interpretação de Mori (2009, p. 206), “até mesmo as gárgulas, que na história original são representações de monstros, no desenho animado são amigas e companheiras do solitário Quasímodo; são personagens caricatos cujo papel é dar um tom de ternura, comicidade e leveza à história”.

A cena final é uma das mais interessantes. Quasímodo e as gárgulas (os grotescos) enchem caldeirões com líquidos quentes que lembram a consistência de lava vulcânica. As lavas jorram por todas as janelas de Notre Dame (ícone sagrado) instaurando desespero e o caos na população (assemelhando-se a representação do Inferno). Frollo, tomado pela cólera e desejo de vingança, dirige-se ao alto da Catedral, com o objetivo de matar Quasímodo. Este, acreditando que Esmeralda não resistiu a inalação de dióxido de carbono provocada pela fogueira, chora com a amada em seus braços. Podemos inferir que nesta passagem temos o grotesco demonstrando sentimentos de ternura e amor para com o belo.

Em um último ato de traição, o arqui-diácono tenta apunhalar o corcunda pelas costas, aproveitando-se do fato de que é justamente nessa parte do corpo que reside um dos maiores

símbolos de dor e sofrimento de Quasímodo. Percebendo que a cigana ainda estava viva, Quasímodo consegue fugir. Frollo o persegue e confessa que matou a mãe do corcunda, e que esta também era cigana.

Na tentativa de “terminar o que deveria ter feito há vinte anos atrás”, pendura-se com sua batina na sacada da igreja. Sobe pelas gárgulas, enquanto seus olhos vão sendo tomados pela cor carmim, um riso desvairado nos lábios. O arqui-diácono tenta apunhalar Quasímodo com uma espada, enquanto Esmeralda tenta içá-lo de volta. Como que em um castigo divino, desequilibra-se e vê fogo nos olhos de uma gárgula. Frollo cai na lava que jorra da Catedral de Notre Dame. Morre queimado, ironicamente do mesmo jeito que desejara matar a cigana a fim de expurgar-lhe os pecados.

Nessa passagem, o sagrado e o profano, o grotesco e o belo reúnem-se na mesma cena. O juiz cruel tem seu destino selado: queimar no fogo do Inferno. Em oposição ao livro, Phoebus e Esmeralda ficam juntos, Quasímodo se torna o fiel amigo e protetor do casal, e todos são aclamados como heróis pela população parisiense. Uma garotinha ignora a feiura do corcunda e o abraça, deixando como moral da história a sugestão de que a beleza vem de dentro e está diretamente relacionada com as boas ações praticadas pelos indivíduos.

Considerações finais

O desfecho do filme é diferente do final da obra literária. Por tratar-se de uma adaptação produzida pelos estúdios Wall Disney, a história foi suavizada, tornando o final mais leve e feliz, reforçando o clichê do bem vencendo o mal. Acerca da obra de Victor Hugo, Souza (2010, p. 3) comenta:

A principal diferença entre a diegese do livro e do filme, é o *ananké*, isto é, no livro todas as personagens estão presas a fatalidades, nenhuma tem final feliz.(...)Tanto no romance quanto no filme, a personagem Frollo é atormentada diante da paixão, pela ciência, pela justiça, pela religião, mas nenhuma dessas o deixa tão desnorreado quanto a que sente por Esmeralda, a ponto de cometer vários atos de violência, principalmente porque sua paixão não é correspondida. Enquanto que no filme, o *ananké* é quebrado, trazendo a felicidade para várias personagens como Esmeralda. (...)Entre as que continuam vítimas da fatalidade, destaca-se Frollo, que ao perseguir Esmeralda na Catedral de Notre-Dame, é arremessado na Praça de Grève e morre.

Mori (2009, p. 208) sugere que a Idade Média é um período de fertilidade, de gestação do mundo moderno, estando nosso cotidiano repleto do legado da época. A história de Victor Hugo sobre a Catedral de Notre Dame, ainda que não tivesse como objetivo central a correção histórica, tornou-se uma fonte interessante sobre o período representado,

uma vez que é fiel em retratar a política, a sociedade e os costumes da época. A intensa religiosidade misturava os sentimentos e as relações destinados às pessoas deficientes. Tratava-se de um dilema entre a caridade e o castigo, a proteção e a segregação. O castigo era um meio de salvar a alma possuída por seres demoníacos, de tomar sob proteção aquele que era considerado possuído pelo mal. Era uma forma de amenizar os pecados cometidos (MORI, 2009, p. 208).

A filme enfatiza, por meio de imagens simbólicas, a presença do sagrado e do profano, do grotesco e do sublime, e de como esses elementos se misturam e se tornam confusos quando colocados em diferentes contextos. Segundo Mori (2009, p. 209),

... o cinema, seguido pela televisão, contribuiu para revigorar a popularidade de Hugo, bem como divulgar aspectos de sua obra denegridos ou menosprezados pela crítica especializada do século XIX. (...) Destaca especialmente o amor de Hugo pela paz, a não aceitação da pena de morte, a denúncia das injustiças e desigualdades sociais, o apoio à emancipação feminina e a preocupação com a proteção das crianças. É incontestável a importância do cinema para a difusão em larga escala de obras literárias. Nossa Senhora de Paris ou O Corcunda de Notre Dame, como ficou conhecido, teve várias adaptações cinematográficas. O filme não substitui, entretanto, o texto escrito. É preciso ler o original e refletir sobre diferenças e semelhanças nas duas linguagens. (MORI, 2009, p. 209).

O filme sofreu várias modificações em relação ao original literário para fugir das críticas diretas da Igreja Católica e para suavizar assuntos tão incomuns nos filmes Disney: religião, Inferno, violência, vingança, infanticídio, corrupção, tortura, injustiça, desigualdade, luxúria, etc. Por ser um musical, as letras combinadas com os cenários expressam os sentimentos e emoções dos personagens. Para o crítico Felipe Andrade¹³ o longa merece destaque em seu design. Para a construção da Catedral de Notre Dame em forma de desenho, os animadores tiveram que fazer inúmeras visitas à catedral durante a produção do filme para enfim reproduzir fielmente a estrutura do prédio. Cada gárgula, estátua, imagem e estrutura presentes no filme possui o estilo gótico presente na catedral. O estilo gótico ajuda a passar ao espectador a atmosfera de tensão, suspense e misticismo que permeia Notre Dame. Acerca da comicidade da adaptação:

O humor também não está de fora do filme. Levando em conta que a trama em si é um tanto quanto dramática e pesada, o alívio cômico do filme fica por conta do trio de gárgulas falantes amigas de Quasímodo. Victor, Hugo e Laverne protagonizam a maioria das cenas engraçadas do longa, incluindo aí as melhores piadas e a ótima canção “O Seu Glamour”. O trio

¹³Disponível em:< <http://www.ocamundongo.com.br/classicos-na-critica-corcunda-de-notre-dame/>> Acesso em: 22 de julho de 2015.

representa na verdade o inconsciente de Quasímodo que, preso na catedral durante toda a sua vida, fantasia com a amizade das gárgulas, como forma de se socializar de alguma forma com alguém além do seu mestre Frollo. A idéia de que a animação das gárgulas é fruto da imaginação de Quasímodo fica implícita no filme, já que elas sempre voltam a ser estátuas quando alguém, além do corcunda, entra em cena. Elas apenas ganham vida quando estão a sós com ele.¹⁴

Uma diferença significativa entre o livro e o filme reside no fato de que na obra literária, Quasímodo, o Corcunda de Notre Dame, não é o personagem principal, e sim um personagem importante da trama. No livro de Hugo, a protagonista é a própria Catedral, pois o autor tinha a intenção de fazer com que as pessoas preservassem a memória e beleza da igreja. Contudo, ao cair no gosto popular, a obra Notre Dame de Paris (1831) é renomeada “O Corcunda de Notre Dame” (1831), uma vez que a história do sineiro solitário comove os leitores da época (e de diversas gerações que vieram após o livro).

Tanto o livro quanto o filme, por meio da intensidade da paixão retratada em ambos, supera a violência neles apresentada. A adaptação em formato de animação foi importante para apresentar ao público infanto-juvenil a obra de Victor Hugo. Os ensinamentos morais difundidos pelo filme relacionam-se aos valores da época em que o mesmo foi produzido, trazendo ao primeiro plano a importância da bondade para além das aparências e dos julgamentos apressados. E, como não poderia faltar em qualquer bom filme da Disney, a recorrente mensagem de que o bem sempre vence o mal.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Felipe. **Clássicos na crítica: O Corcunda de Notre Dame**. Disponível em: <<http://www.ocamundongo.com.br/classicos-na-critica-corcunda-de-notre-dame/>> Acesso em: 22 de julho de 2015.
- AQUINO, Felipe. **Catedral Notre Dame de Paris completa 850 anos**. Disponível em: <http://cleofas.com.br/catedral-notre-dame-de-paris-completa-850-anos/> Acesso em: 8 de julho de 2015.
- DESCARTES, René. **As paixões da Alma**. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- DIAS, Daniel Quaresma. **Os gárgulas**. Disponível em: <<http://ocalafrio.blogspot.com.br/2013/05/os-gargulas.html>> Acesso em: 9 de julho de 2015.
- EDUCA JÁ. **O Carnaval na Idade Média – A Festa dos Loucos**. Disponível em: <<http://educaja.com.br/2010/02/o-carnaval-na-idade-media-festa-dos.html>> Acesso em: 9 de julho de 2015.
- HUGO, Victor-Marie. **Do Grotesco e do Sublime**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- HUGO, Victor-Marie. **O Corcunda de Notre Dame**. São Paulo: Três Editora, 1973.
- MACHADO, FERNANDA. **Igreja Católica: na Idade Média, essa Instituição ganhou força política**. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/igreja-catolica-1-na-idade-media-essa-instituicao-ganhou-forca-politica.htm>> Acesso em: 9 de julho de 2015.

¹⁴ Disponível em: <<http://www.ocamundongo.com.br/classicos-na-critica-corcunda-de-notre-dame/>> Acesso em: 22 de julho de 2015.

- MARCHI, Cesare. **Grandes Pecadores, Grandes Catedrais**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MORI, Nerli Nonato Ribeiro. **O corcunda de Notre-Dame: Grotresco, Sublime, e deficiências na Idade Média**. Revista HISTEDBR *On-line*, Campinas, n.34, p.199-210, jun.2009. ISSN:1676-2584.
- MUNDO ESTRANHO. **Quem são e da onde vem os ciganos**. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/quem-sao-e-de-onde-vem-os-ciganos>> Acesso em: 10 de julho de 2015.
- O CORCUNDA De Notre Dame**. Direção: Gary Trousdale, Kirk Wise. Intérpretes: Tom Hulce, Demi Moore, Tony Jay. Walt Disney, 1996. 92 min, som, color.
- PINEZI, Ana Keila Mosca. **Sagrado e Profano em Contextos culturalmente Particulares: A favor do Trabalho de Campo e da Etnografia**. Antropos Revista de Antropologia, 2010. Disponível em: <<http://revista.antropos.com.br/downloads/out2010/Artigo%20-%20Ana%20Keila%20Mosca%20Pinezi.pdf>> Acesso em: 8 de julho de 2015.
- SOUZA, Antônia Pereira. **A paixão do clérigo Frollo como fator determinante para a violência: um estudo comparado entre o livro O corcunda de Notre-Dame e o filme de William Dieterle**. Daradina Revista Eletrônica. 2010 Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/artigo161.pdf>> Acesso em: 8 de julho de 2015.
- WIKIPEDIA. **Primeiro Concelho de Niceia**. s.d. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Primeiro_Concilio_de_Niceia> Acesso em: 08 de julho de 2015.
- WIKIPEDIA. **Arquitetura Gótica**. s.d. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Arquitetura_g%C3%B3tica> Acesso em: 08 de julho de 2015.
- WIKIPEDIA. **Arlequim**. s.d. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Arlequim>> Acesso em: 9 de julho de 2015